

## **Relatório Workshop “Inteligência Artificial como ferramenta no combate à desinformação em contextos eleitorais”**

**Proponente:** Diego Cerqueira - Ceweb.br | NIC.br (Comunidade Técnica e Científica)

### **Palestrantes:**

Eduardo Krempser da Silva (Fiocruz) - Comunidade Científica

João Guilherme dos Santos (Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Democracia Digital - INCT-DD) - Comunidade Científica

Karina Santos (Instituto de Tecnologia e Sociedade (ITS Rio)) - Terceiro Setor

Monica Steffen Guise (Meta - Facebook) - Empresarial

**Moderador:** Diego Cerqueira Ceweb.br | NIC.br - Comunidade Técnica e Científica

**Relator:** Otávio Gomes (Instituto de Tecnologia e Sociedade (ITS Rio)) - Terceiro Setor

### **Objetivos:**

Em ano de eleições presidenciais, esse workshop busca contribuir para o combate à desinformação, em especial o potencializado pelo uso de Inteligência Artificial, que pode ser utilizada para reduzir a circulação de desinformação nas redes sociais. Oferecendo não apenas uma visão sobre os problemas, especialistas se reúnem para apresentar soluções, metodologias e ferramentas implementadas para reduzir os danos da desinformação em território Brasileiro. Dentre seus objetivos, foi em especial percebida a abertura de espaço para o diálogo entre os diferentes atores da sociedade que encontraram pontos em comum, mas também divergências a respeito dos caminhos a serem percorridos no uso da Inteligência Artificial em contextos eleitorais.

**Justificativa:**

O tema se mostra relevante uma vez que trata de questões atuais como o uso da Inteligência Artificial e o contexto eleitoral, considerando a desinformação como um tema sério e que precisa ser abordado. Assim, o painel apresentou um debate entre especialistas de diferentes áreas e setores da sociedade e contou também com participação dos ouvintes.

**Metodologia:**

Em um formato de painel de discussões, os palestrantes tiveram um tempo limitado para realizar apresentações que introduzissem seus pontos de vista ao público e outros membros do painel, oferecendo suas visões de experts sobre o tema, apresentando dilemas, desafios e oportunidades. A pergunta norteadora para a discussão foi a seguinte: Pode a Inteligência Artificial ser utilizada como uma ferramenta aliada para o combate à desinformação em plataformas? Quais os riscos, oportunidades e desafios para a democracia?

**Síntese:**

João Guilherme iniciou sua fala apontando que a inteligência artificial não pode ser vista apenas como apenas parte do problema. Ela pode fazer parte da solução. Um exemplo apresentado por ele foi a análise de vídeos no youtube sobre coronavírus. Seria impossível fazer essa análise sem o uso de alguma técnica de IA. Ele prossegue mencionando que o acesso de pessoas não envolvidas tecnicamente com o processo de desenvolvimento se dá por um filtro de metáforas que podem, em determinados contextos, bloquear relações na qual essas analogias não façam sentido. As metáforas podem ajudar a compreender de maneira simples alguns conceitos, porém podem esconder características relevantes.

Em seguida, ainda falando sobre inteligência artificial, ele menciona a importância de se observar qual a base de dados usada para o treinamento desses algoritmos, pois eles podem gerar resultados com determinado viés. Nesse caso, o problema não seria o algoritmo em si, mas a base de dados. Assim, é preciso pensar em quais as normas deseja-se implementar. E nesse processo, os tomadores de decisão são influenciados de inúmeras maneiras. Além disso, ele menciona que o

algoritmo pode ter vícios, mas se não sabemos quais dados são inseridos e utilizados, não podemos responsabilizá-los devidamente.

Nesse contexto, o painalista apresenta um exemplo prático sobre a viralização de dados no Whatsapp. Um modelo de aprendizado tagado era apresentado como capaz de identificar “quase tudo o que era falso”. Ao analisar mais de perto as regras do algoritmo, no entanto, erros de grafia eram considerados informações falsas.

Por fim, o painalista fala sobre oportunidades. Em sua perspectiva, a sociedade civil é extremamente qualificada e traz contribuições muito relevantes, que poderiam ser melhor utilizadas. Por fim, ele menciona que é preciso que esses atores tenham acesso a mais dados para saber como esses algoritmos utilizados pelas plataformas funcionam.

Especificamente sobre o contexto eleitoral, ele ressaltou que não existe uma homogeneidade nas questões políticas entre Brasil e EUA. O painalista fala sobre questões de vazamento de dados pessoais, como o ocorrido no caso da Cambridge Analytica. Ainda menciona a questão de segmentação e microdirecionamento por meio do Whatsapp que ainda é uma plataforma de difícil análise por pesquisadores devido a sua estrutura. Ele ainda reforça que nesse ano, políticos estarão investindo em peso na internet e que é preciso se manter atento a isso, pois durante a última eleição muitos ainda eram céticos com relação ao impacto da internet no contexto eleitoral, algo que não irá se repetir.

Em seguida, a painalista Mônica Guise começa sua fala ressaltando a necessidade do uso da Inteligência Artificial, pois ela é necessária para grandes empresas como a Meta fazerem a gestão dos mais de 2.9 bilhões de usuários que utilizam suas plataformas. Ela ressaltava que não é possível gerenciar esse grande número de pessoas sem o uso da IA. Além disso, ela aponta que a inteligência artificial ainda não está super avançada, mas em constante evolução.

Após essa fala inicial, Mônica passa a falar sobre como a Meta lida com a desinformação em suas plataformas. Ela ressaltava que nem uma empresa privada, nem mesmo um único governo deve ser capaz de dizer o que é verdade e o que não é, e afirma que é muito difícil estabelecer critérios para definir o que é verdade e

o que é mentira. Segundo ela, a Meta escolhe a abordagem que tenta informar o usuário que o conteúdo é desinformativo e isso só é possível com uso e investimento em IA e pessoas.

Além disso, ela aponta que a empresa não considera seu trabalho fazer a checagem de fatos. Assim, a Inteligência Artificial da empresa é responsável por observar quais conteúdos são potencialmente falsos, sendo esses enviados a checagem de fatos por agências especializadas. A IA define um conteúdo como potencialmente falso após um mínimo de sinais observados, como comentários, marcações como conteúdo falso, entre outros. Ao receber os conteúdos, os checadores avaliam uma certa quantidade de itens e retornam a mensagem para a plataforma informando que um conteúdo é falso. A partir daí, a plataforma cria fricção para o compartilhamento daquele conteúdo. Segundo a painelistas, o objetivo da empresa é o equilíbrio entre liberdade de expressão, combate à desinformação e segurança dos usuários.

Com relação ao contexto eleitoral, Mônica ressalta que a empresa tem passado por vários processos eleitorais no qual a empresa aprende um pouco mais a cada processo. Ela destaca que existe um centro de operações dentro da Meta responsável por observar a plataforma durante períodos eleitorais e que estratégias como a biblioteca de anúncios do Facebook vem servindo para dar mais transparência aos processos, agregando as informações de impulsionamento de conteúdo. Além disso, todo anúncio relacionado a questões cívicas precisa passar por um fluxo de autorização para ser autorizado. Segundo ela, não é um fluxo perfeito, mas coloca barreiras.

Em seguida, a painelistas Karina Santos começa sua fala apontando que existem diferentes vias de combate à desinformação. Ela cita Lawrence Lessig, que define quatro eixos de atuação para regular o espaço online. A primeira via é a econômica, por meio da desmonetização, segunda, é a via do direito, por meio da legislação, a terceira é a via das normas sociais, que envolve o conjunto de expectativas sociais e culturais que podem estimular boas práticas no ambiente online e a quarta via é a via tecnológica.

Aprofundando um pouco na via tecnológica, ela menciona que a arquitetura do espaço cibernético funciona como a arquitetura de uma casa, estimulando ou

desestimulando determinados comportamentos. Nesse sentido ela dá exemplos como timelines infinitas, etiquetas de conteúdo falso verificado, entre outros. Ela fala então sobre a necessidade de dar transparências às arquiteturas já existentes. Assim, ela fala sobre a importância de serem feitos relatórios de transparência, apresentação de etiquetas públicas de conteúdo falso, links para fontes confiáveis, criação de fricção, diminuição de encaminhamentos, entre outros. A partir desse momento, ela apresenta como exemplo a ferramenta Pegabot como um instrumento de combate à desinformação capaz de oferecer mais transparência, sendo uma ferramenta que lida com a educação midiática.

Por fim, ela menciona a importância de se ter estratégias para além da ferramental, que envolve a produção, o consumo e a difusão de informações com o objetivo de identificar de onde vêm as informações falsas. Além disso, ela ressalta que essas estratégias devem ser multisetoriais, com o objetivo de estimular a discussão acerca dos desafios do fluxo de informação política na rede e os desafios na propagação da desinformação.

Com relação ao contexto eleitoral, ela aponta que existem características similares que são utilizados em diferentes situações na divulgação de informações pela rede e observar esses padrões possibilita desenhar estratégias para combater a desinformação.

Por fim, o painalista Eduardo Krempser inicia sua fala reforçando que a aprendizagem de máquina pode ser parceira, e que ela não se restringe aos seus problemas. Além disso, ele ressalta que os problemas não são culpa da ferramenta, mas do uso que as pessoas dão a ela. Ele ressalta que ferramentas para análise de questões sociais, como comportamento automatizado em redes sociais, é complexo porque as relações humanas e sociais são muito complexas. Ele menciona então a ferramenta Pegabot, que busca justamente fazer esse papel de detectar contas que promovem desinformação de maneira automatizada. Eduardo ressalta que é uma tarefa difícil realizar essa detecção e que a aprendizagem de máquina precisa de mais dados para realizar uma boa análise.

O painalista prossegue mencionando que a ferramenta está aberta a contribuições e destaca que o conhecimento compartilhado pode ajudar a construir melhores algoritmos que afetam a vida das pessoas. Além disso, ele menciona que existem

diferentes tipos de algoritmos que podem ser desenvolvidos, sendo alguns mais abertos e explicáveis, enquanto outros são mais fechados. Dessa forma, algoritmos como árvore de decisão são bons algoritmos de aprendizado de máquina do qual pode-se extrair uma explicação para seus resultados. Assim, ele termina dizendo que os métodos e os algoritmos não são os culpados, cada um possui suas características e seu uso depende daquele que o desenvolveu.

Sobre a questão eleitoral, Eduardo ressalta que não é possível utilizar soluções prontas para todos os contextos, devido a diferenças na linguagem e nas características de cada região.

### **Identificação de Consensos e Dissensos:**

#### **Dissenso:**

Houve um dissenso com relação sobre o que as plataformas devem fazer ao lidar com notícias falsas. Segundo a painelistra Mônica, não existe um lavar de mãos da plataforma. Algumas pessoas esperam que a plataforma tenha atitudes que não a competem. Ainda segundo ela, a Meta tem a obrigação de responder à justiça eleitoral o mais rápido possível, mas não de tomar decisões ela mesma. Por outro lado, por estar na posse dos dados, foi apontado que as empresas são responsáveis por apresentar caminhos e implementar soluções.

#### **Consensos:**

Um consenso bastante forte que surgiu foi o fato de a Inteligência Artificial poder ser usada a favor das pessoas. Deve-se observar os problemas dessa ferramenta, mas ela não pode ser descartada, pois pode também fazer parte da solução se bem utilizada.

Os painelistas também concordaram que é importante fornecer acesso aos dados para os pesquisadores para que estratégias melhores possam ser desenvolvidas com o uso da Inteligência Artificial para o combate à desinformação, uma vez que ela é alimentada com dados.

Eles concordaram também, que no último período eleitoral houveram dúvidas a respeito do impacto da internet nas eleições e que nesse ano não resta dúvidas da importância do meio online para as campanhas.

### **Pontos a aprofundar:**

O tema da desinformação deve ser tratado de maneira multidisciplinar, já que não é um problema inerentemente tecnológico.

Estratégias para encontrar os criadores de notícias falsas.

Impacto das questões de gênero na desinformação. Mulheres devem ser olhadas de maneira especial nesse processo?

Como lidar com analfabetos digitais e instrução de pessoas sobre uso da rede.

### **Sobre os painelistas:**

Eduardo Krempser da Silva (Fiocruz) - Comunidade Científica

Pesquisador em Saúde Pública na Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), possui graduação em Ciência da Computação pela Universidade Federal de Juiz de Fora, mestrado e doutorado em Modelagem Computacional no Laboratório Nacional de Computação Científica. Coordenou o Laboratório de Sistemas Inteligentes e Robótica da Faculdade de Educação Tecnológica do Estado do Rio de Janeiro e atualmente é pesquisador da Plataforma Institucional de Biodiversidade e Saúde Silvestre da Fiocruz.

João Guilherme dos Santos (Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Democracia Digital - INCT-DD) - Comunidade Científica

Pesquisador em pós-doutorado no INCT-DD, doutor em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com estágio doutoral (PG Misc Research, sanduíche) na Universidade de Leeds, Reino Unido. Coordenador de um dos projetos internacionais realizados no SMART Data Sprint 2021 (iNOVA Media Lab). A frente do Laboratório de Ciência de Dados para Comunicação Digital (C2D2) do INCT-DD.

Karina Santos (Instituto de Tecnologia e Sociedade (ITS Rio)) - Terceiro Setor

Coordenadora de Mídias e Democracia no ITS, mestre em Comunicação Política pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e graduada em

Relações Públicas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj). Desenvolve pesquisas na área de desinformação, democracia digital e marketing político. No mercado atua há sete anos com comunicação digital no terceiro setor e atuou como coordenadora de campanha online nas eleições de 2018 no Rio de Janeiro.

Monica Steffen Guise (Meta - Facebook) - Empresarial

Gestora de Políticas Públicas na Meta. Doutora em Direito Internacional e Comparado pela Universidade de São Paulo e Mestre em Direito/Relações Internacionais pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Diego Cerqueira (Ceweb.br | NIC.br) - Terceiro Setor

Engenheiro de Software, graduado em Sistemas de Informação, mestrando em Engenharia de Sistemas e Computação (PESC/COPPE) da UFRJ. Foi Pesquisador e Líder Técnico no ITS Rio, onde construiu inovações cívicas como Mudamos+, LGPDJus e Pegabot. Atualmente Especialista Web Sênior no Ceweb.br do NIC.br.

Otávio Gomes (Instituto de Tecnologia e Sociedade (ITS Rio)) - Terceiro Setor

Graduando em Ciência da Computação pela Universidade Federal de Viçosa - Campus Florestal (UFV). Já desenvolveu pesquisa na área de gamificação e blockchain. Participa do Núcleo de Pesquisa em Engenharia de Software e Sistemas Colaborativos (NuPESSC) da Universidade Federal de Viçosa e desenvolve pesquisa a respeito da ética nos processos de engenharia de software.